

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: 10 Estado de Minas Class.: 10

Data: 30/10/90 Pg.:         

EM



Os Maxacalis vivem em situação de miséria há anos, sem que a Funai resolva a situação deles

### Maxacalis tentam reaver suas terras

O prefeito de Bertópolis, a 710 quilômetros de Belo Horizonte, Alfredo Ferreira Filho, pode pedir a decretação de estado de emergência no município e a intervenção da Polícia Federal na reserva dos índios Maxacalis, para evitar um conflito armado na região. Segundo informações do prefeito, nos últimos meses os índios estão saqueando as fazendas próximas às aldeias de Água Boa e Pradinho, em busca de comida. O problema é que a Funai não desenvolve nenhum projeto de plantio de alimentos na reserva indígena e a maioria de seus 800 moradores está passando fome, garante.

“A situação dos índios é realmente dramática e falta comida nas aldeias”, diz o prefeito, lembrando ainda que a Funai, apesar de conhecer o problema, até o momento não tomou medidas capazes de resolvê-lo. Por isso, afirma o prefeito, os índios estão roubando alimentos nas fazendas vizinhas — ele estima que pelo menos dez vezes são abatidas por semana — “já tendo saqueado inclusive escolas rurais, levando toda a merenda escolar”.

O temor do prefeito é de que os fazendeiros da região resolvam impedir novos saques, podendo, inclusive, haver conflitos armados. “A saída que eu vejo então é pedir a decretação de estado de emergência no município e ainda a intervenção da Polícia Federal na Reserva”. Alfredo Ferreira diz que no ano passado agentes da Polícia Federal estiveram em Água Boa e Pradinho, impedindo qualquer iniciativa de violência dos índios.

#### Contradições

Em Maxacali, cidade vizinha de Bertópolis, as informações já são diferentes. Segundo Paulo Lima, funcionário da Prefeitura, os índios estão tranqüilos e não há qualquer notícia de saques comprovados na região. “Realmente a maioria dos índios passa fome, mas apenas uma vez ou outra, quando eles bebem demais, acontece o abate de alguma cabeça de gado”.

Esta informação é confirmada por Luiz Lobo, um dos coordenadores do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), que organizou uma comissão para ir verificar o que está acontecendo na região. A comissão, integrada ainda por representantes da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), parlamentares e médicos, esteve nas aldeias no último final de semana e não encontrou qualquer sinal de produtos originários de saques.

“O que nós vimos, ao contrário, foi uma situação de penúria”, comenta Luiz, dizendo que depois dessa visita o Cimi deverá pressionar o governo federal no sentido de resolver definitivamente o problema. Uma das soluções apontadas é a implantação de projetos de cultivo que garantam a sobrevivência e a independência dos índios em relação à Funai. Atualmente, garante Luiz, os índios sobrevivem graças ao artesanato vendido nas feiras e ao feijão cultivado em pequenas lavouras.

O Cimi vai tentar também a reunificação das reservas — separadas por um corredor formado por 13 fazendas —, ampliando a área cultivável, que hoje é inferior a 3.400 hectares. No ano passado, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), hoje extinto, realizou um levantamento das benfeitorias nas fazendas que separam as duas reservas e o encaminhou à Funai, para um estudo de desapropriação mediante indenização dos proprietários.

Segundo Luiz Lobo, os fazendeiros da região aceitam sem problemas a desapropriação mediante indenização, ou ainda a permuta com outras terras do governo. “A decisão agora é política, já que no novo governo a demarcação de terras indígenas é de responsabilidade exclusiva do presidente da Funai”, finaliza.